

Países ricos baixam de 2% para 0,5% previsão de crescimento do Brasil no ano

Apesar de pontos positivos, ajuste econômico de Lula tem seu preço

Deborah Berlinck

Correspondente

• PARIS. Espécie de clube dos países ricos, a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) revisou para baixo sua previsão para a economia brasileira este ano. A projeção de crescimento de 2%, feita em abril passado, caiu para 0,5% do PIB. O Brasil, entretanto, vai se reerguer a partir do ano que vem, diz a organização, que prevê crescimento de 3% em 2004 e 3,5% em 2005.

A OCDE acredita que toda a América do Sul, com exceção da Venezuela, esteja no caminho da recuperação, graças a mais exportações e ajustes em várias economias do continente.

No relatório "Economic Outlook", divulgado ontem em Paris, a OCDE fez uma série de referências positivas aos esforços do governo Lula para pôr a

economia brasileira em ordem. Mas disse também que o atual ajuste econômico do país teve um preço: o crescimento do Brasil e a queda dos investimentos estrangeiros.

"Apesar do forte crescimento das exportações, o atual ajuste macroeconômico do Brasil tem sido custoso em termos de crescimento econômico", diz o documento.

Atraso nas reformas seria um risco para o país

Comparado com a Rússia e a China — que, ao lado do Brasil, foram os únicos não membros da OCDE que mereceram destaque no relatório — o crescimento brasileiro ficará bem atrás. A China vai registrar, este ano, o seu maior crescimento dos últimos anos: 8,4%, caindo para 7,8% e 7,4% nos anos seguintes. Já a Rússia, impulsionada pelo aumento do consumo e investimento, vai crescer 6,3%

este ano, estabilizando em 5% em 2004 e 2005.

A OCDE chama atenção para os atrasos nas reformas tributária e da Previdência no Brasil. Para a organização, esse seria o "principal risco" para o país, podendo afetar a confiança dos mercados e a "sustentabilidade da dívida pública".

A OCDE atribui esse atraso ao "debate político feroz" e ao fato de o governo ter que "negociar compromissos políticos complexos" para obter a aprovação da reforma no Congresso. Mas, para a OCDE, "o governo parece firmemente comprometido com este processo e continua empurrando a agenda da reforma no Congresso".

A organização diz que o governo tem aproveitado o clima econômico mais favorável para "melhorar o perfil de maturação da dívida". E salienta que a política de rigor fiscal do Brasil "continua nos trilhos". ■